

PÓS-GRADUANDOS *STRICTO SENSU*, A PESQUISA E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA TRIÁDE DESARTICULADA.

POWDERS-GRADUATING STUDENTS *STRICTO SENSU*, THE INQUIRY AND THE CONDITIONS OF WORK IN the BASIC EDUCATION: A DISLOCATED TRIAD

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro Silva¹

RESUMO: O estudo analisa o trabalho docente dos professores com formação *stricto sensu* na educação básica. Utilizamos o materialismo histórico dialético investindo em quatro estratégias metodológicas: a) revisão bibliográfica; b) questionários; c) entrevistas; d) análise de documentos. O trabalho aponta que os professores com formação *stricto sensu* vivem um processo de proletarização no trabalho e que desejam realizar pesquisas, mas não tem condições estruturais para desenvolvê-las demandado a necessidade de se investir na pesquisa e na carreira docente como uma política de profissionalização e valorização.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores, pesquisa, política.

ABSTRACT: The study examines the teaching of teachers trained strictly in basic education. We use the historical and dialectical materialism investing into four strategic methods: a) literature review; b) questionnaires; c) interviews, d) document analysis. The work suggests that teachers trained in the strict sense are undergoing a process of proletarianization in the workplace and who wish to conduct research, but has no structural conditions to develop them. The need to invest in research and teaching careers as a professional and policy recovery.

KEYWORDS: Teacher education, research, policy.

Introdução

A educação é um tipo de serviço prestado pelo Estado. Coloca-se então, uma questão não consensual na literatura: o trabalho docente é produtivo ou improdutivo? Hypollito (1997) chama atenção ao afirmar que independentemente de o trabalho produzir bens ou serviços, o que

¹ Professora Adjunta da Universidade de Brasília - Faculdade de Educação, vinculada ao Departamento de Planejamento e Administração da Educação-PAD- e ao Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE. Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Pesquisa sobre Formação de Professores e Políticas Públicas. E-mail: Katiacurado@unb.br

importa é como está submetido à forma capitalista de produção, uma vez que isso é que define se ele é produtivo ou improdutivo.

Pode-se afirmar que há uma perspectiva teórica em que se considera ser a presença do Estado, como empregador do professor, condição de caracterização do seu trabalho como “improdutivo”. Essa mesma perspectiva enfatiza, que o professor que trabalha em uma escola privada é um trabalhador produtivo, uma vez que o seu trabalho gera excedentes para o dono do estabelecimento de ensino.

Em contrapartida, outros estudos defendem que mesmo o professor que atua no Estado, realiza um trabalho produtivo, pois, apesar de reconhecerem que o trabalho docente não gera produção de mais valia imediata, consideram que ele participa da acumulação do capital em longo prazo. É nesse contexto controverso e polêmico que se discutem as possíveis formas de análise do trabalho docente.

Segundo os autores Hypolito (1997), Costa (1995) e Enguita (1991), dentre outros, as distintas configurações do trabalho docente podem ser discutidas a partir dos seguintes enfoques: profissionalismo, classe e gênero. Além dessas categorias, ressaltamos a importância de estudar as funções que são dirigidas ao professor, como a questão do professor pesquisador, que se relaciona diretamente com as condições e a precarização no âmbito da educação.

Entendemos que o processo de constituição do trabalho e do trabalhador é histórico e dinâmico e que “aquilo que eles são coincide com a sua produção, com o que produzem, e também com o como produzem.” (MARX; ENGELS, 1984, p. 15). Buscamos compreender a materialidade do trabalho docente, a fim de analisar uma questão já levantada, mas ainda não contemplada inteiramente: a formação *stricto sensu* dos professores da educação básica possibilita a pesquisa na educação básica? Quais as condições de trabalho e de pesquisa?

Entende-se por condições de trabalho o conjunto de recursos que possibilita uma melhor realização do trabalho educativo, e que envolve tanto a infraestrutura das escolas, os materiais didáticos disponíveis, quanto os serviços de apoio aos educadores e à escola. Tal equação se realiza, teoricamente, pela adequada relação fins e meios.

1 . Caminho metodológico

Na pesquisa realizada foi traçada uma metodologia de trabalho que permitisse a coleta de informações sobre o objeto. A pesquisa utilizou quatro estratégias metodológicas: a) a contextualização do campo via revisão bibliográfica; b) proposição e análise de questionários; c) realização de entrevistas; d) análise de documentos, tais como: plano de carreira

do magistério público das redes municipal e estadual, textos oficiais das secretarias e documentos dos professores referentes à pesquisa na educação básica.

Num primeiro momento optamos pela contextualização da área por meio da revisão bibliográfica. Realizamos uma sistemática leitura de periódicos, livros, dissertações, teses e documentos produzidos que tratam do objeto, cuja especificidade trouxe três temáticas de revisão bibliográfica: a pesquisa educacional no Brasil, a formação do professor pesquisador e a prática de pesquisa do professor.

A opção pelo uso de questionários se deu pelas especificidades pertinentes ao próprio objeto da pesquisa, na tentativa de conseguir o contato com os 148 (cento quarenta e oito) professores envolvidos no processo. O questionário foi utilizado por ser um instrumento que permite alcançar mais rápido e simultaneamente um maior número de pessoas; além disso, porque possibilitaria a construção do perfil dos sujeitos (idade, sexo, formação, área de atuação, ingresso na carreira, turnos de trabalho, etc.) e ainda facilitaria a sistematização de dados estatísticos, que contribuem para a visualização global inicial e análise do objeto de estudo, uma vez que se entende a relação quantidade-qualidade como nexo inseparável (GRAMSCI, 1995).

O questionário foi composto de trinta e três questões, divididas em abertas e fechadas, foi pré-testado com um grupo de seis professores com formação *stricto sensu*, que atuam na rede pública (estadual ou municipal) de educação, mas que moram no interior ou estão de licença para cursarem o doutorado.

No caso desta pesquisa, tinha-se uma população definida por critério específico: o professor com pós-graduação *stricto sensu* que atua nas redes municipal e estadual de educação básica. Contava-se, em outubro de 2006, com cento e quarenta e oito (148) professores com esse perfil, sendo cento e nove (109) da Secretaria Municipal de Educação (SME) e trinta e nove (39) da Secretaria Estadual de Educação (SEE). Do total encontramos a seguinte situação: cinco (05) profissionais não foram encontrados na lotação disponibilizada pelas Secretarias; três (03) estavam de licença para interesse particular; três (03), de licença para aprimoramento – programa de doutorado; dois (02), disponíveis para outro órgão; uma (01), de licença-maternidade; uma (01), que justificou ter mudado da função docente para a de agente administrativo; um (01), que pediu exoneração; e dois (02), aposentados, totalizando 18 sujeitos aos quais não foi possível entregar o questionário. Assim, em decorrência das circunstâncias relatadas, entregamos cento e trinta questionários (130). Destes, noventa e um (91) foram respondidos e devolvidos, correspondendo a setenta

por cento (70%) do total de questionários, o que é considerado, na pesquisa científica um excelente percentual representativo.

No tratamento dos dados relativos ao questionário, especificamente quanto às questões objetivas, recorreu-se ao uso de ferramentas informatizadas, que facilitaram o trabalho de sistematização e possibilitaram o início da abordagem, sendo possível abstrair categorias que, posteriormente, serviram para o estudo do objeto. Utilizando um programa de armazenamento de dados, o volume de informações que puderam ser categorizadas foi muito maior, o que permitiu dar um tratamento mais organizado e rigoroso ao grande volume de material empírico. Para esse trabalho, foi utilizado o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences - Pacote Estatístico para as Ciências Sociais).

Quanto às questões abertas (subjetivas) do questionário, foram organizadas/classificadas e, após intenso mergulho analítico em seu conteúdo, possibilitado pelas muitas leituras do material, foram categorizadas, o que permitiu conhecer os nexos constitutivos e as contradições do objeto do estudo em questão.

Em consequência da abordagem metodológica e dos objetivos da pesquisa, a entrevista foi fundamental, porque é um instrumento em que o sujeito utiliza da linguagem verbal para se expressar; o que permitiu ter informações de como os sujeitos percebem e dão significado ao objeto.

Foram entrevistados trinta sujeitos, ou seja, um terço dos respondentes do questionário. O roteiro da entrevista assumiu o papel de guia da narrativa, utilizado para orientar o pesquisador e o informante sobre temas estimulantes e pertinentes ao objeto do relato, constituindo apoio ao trabalho da reflexão ou mesmo, em alguns momentos, como memória auxiliar. Foi composto de seis (06) questões e elaborado a partir das informações obtidas no questionário e de forma a aprofundar temáticas que permitissem maior aproximação do objeto de estudo. Muitos problemas são identificados no roteiro quando ele ganha significado no processo de interação entrevistador/entrevistado. Assim, a atitude em face desse instrumento – sempre revisto – era de flexibilidade para orientar a condução da entrevista, e sempre revisto.

Na escolha dos entrevistados optamos por uma amostra estratificada obedecendo a critérios pré-determinados para a seleção. Tais critérios foram: a) manifestar a disponibilidade para participar dessa etapa da pesquisa, conforme registrado no questionário, concordando e assinando o termo de consentimento; b) manter a proporção de sujeitos de acordo com a vinculação com a rede pública de educação, sendo setenta por cento (70%) da rede Municipal de Educação – 20 entrevistados – e

trinta por cento (30%) da rede Estadual de Educação – 10 entrevistados; c) alcançar o maior número de professores que atuam em sala de aula, porém contemplar outros cargos, como direção, coordenação e serviço técnico-pedagógico; d) contemplar sujeitos com diferentes formações na graduação e/ou pós-graduação; e) manifestar o interesse de realizar ou não pesquisa na educação básica.

Foram realizadas trinta (30) gravações, num total de vinte horas de material registrado; cada entrevista era encerrada quando se julgava o cumprimento dos itens do roteiro, como conteúdo mínimo de reflexão proposta, o que fez variar muito a sua duração. Foram dois (02) meses de trabalho, que resultaram em quatrocentas e oitenta e nove (489) páginas transcritas.

O movimento de análise das entrevistas para chegar ao concreto pensado foi iniciado ao tomar o conjunto de informações recolhidas junto aos entrevistados e organizá-las em eixos temáticos: trajetória profissional, formação nos programas *stricto sensu*, concepção de pesquisa, relação pós-graduação e atuação docente, significado de pesquisa, condições e incentivos para a pesquisa. A partir desses eixos temáticos, procurou-se compreender as falas em unidade de significação – o mínimo do texto necessário à compreensão do significado por parte de quem analisa. Nessa perspectiva, a interpretação exigiu que as unidades de significação, ao serem analisadas, sejam articuladas umas às outras a partir das categorias de análise que emergem do objeto, constituindo as mediações e contradições que o revelam.

Tendo em vista o problema anunciado, buscamos um arcabouço teórico para dar conta da realidade empírica que se pretendeu estudar. Sendo o quadro de referência o materialismo histórico dialético.

2 . Dialética entre desistência e resistência no trabalho docente.

Novos cenários vêm-se definindo em um mundo globalizado, com o capitalismo mundial integrado, produção de novas tecnologias, aceleração de produção, trabalho e trabalhadores flexíveis e polivalentes, acompanhados de trabalhadores precarizados e excluídos das inovações. Essas mudanças se refletem na reestruturação e reforma dos sistemas educativos, afetando o quadro docente, o trabalho que desempenha e as relações profissionais e sociais em que ele se envolve. Exige-se que os profissionais de educação ofereçam qualidade de ensino, dentro de um sistema de massa e deficiente, ainda baseado na competitividade, entretanto os recursos materiais são cada vez mais precarizados e as condições de trabalho também: são baixos salários, com aumento das funções dos professores, contribuindo para um esgotamento e uma contradição quan-

to à formação que é oferecida.

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além da sua formação. Muitas vezes, esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação que ensinar não é o mais importante (OLIVEIRA, 2004, p. 1132).

Exige-se dos educadores que desenvolvam “competências para suprir, em uma escola precarizada, com condições de trabalho cada vez piores, as deficiências culturais e cognitivas decorrentes da origem de classe dos alunos” (KUENZER, 1999, p. 11), num contexto de agravamento das condições sociais e redução de investimentos públicos. O estado atual em que se encontra o trabalho na escola, e em particular o trabalho dos professores, tem chamado a atenção devido à desmotivação e ao aumento do adoecimento desses profissionais:

O que estaria provocando essa situação de desânimo, aparentemente ignorada pelas teorias da “epistemologia da prática” (DUARTE, 2003), que proclamam a inventividade do professor? A revisão bibliográfica que empreendemos e o processo de entrevistas com os professores apontaram elementos relacionados a um complexo processo histórico, alimentado e realimentado por determinações gerais e condições concretas do exercício cotidiano da prática escolar, entrelaçando histórias individuais e coletivas.

As causas apontadas para esse desânimo e desistência do docente, que pode ou não levar ao abandono definitivo do trabalho, estão relacionadas às condições materiais de trabalho, relações interpessoais, formas de gestão da escola, nível salarial, suporte afetivo e social, intensificação e fragmentação das atividades, desvalorização social, violência e segurança. Trata-se, de um processo multideterminado, não sendo possível tratar as variáveis isoladamente, mas, sim, buscar “compreender sua dinâmica interna, sem trair sua complexidade.” (CODO, 2006, p. 248).

A partir de uma abordagem dialética, a impossibilidade de analisar a desistência e a resistência no trabalho de forma desarticulada, revelando que se trata de aspectos contraditórios mutuamente inclusivos de um mesmo processo, de vez que “a totalidade sem contradições é vazia e inerte; as contradições fora da totalidade são formais e arbitrárias” (KOSIK, 1976, p. 51), o que não descarta a possibilidade metodológica de aprofundar

o conhecimento de um ou outro aspecto, desde que não se perca de vista sua interconexão.

Da mesma forma, no estudo dos processos humanos, a análise dos aspectos objetivos (as estruturas) se faz integrada ao exame das dimensões subjetivas (a ação humana), porque “as estruturas sociais não podem, como pré-condições da atividade humana, ser criadas por ela. Por outro lado, as estruturas sociais não podem, como objetos sociais, ser independentes da atividade humana.” (MEDEIROS, 2004, p. 16). Essa interação recíproca e dinâmica da parte e do todo implica a recusa metodológica da mera dedução do todo, bem como da soma atomística das partes, e aponta para a complementaridade de diferentes caminhos investigativos na construção histórica do conhecimento como síntese de múltiplas determinações, conforme esclarece Lukács (2002):

Si se quiere llevar a nivel conceptual la génesis social de determinadas formas concretas en que se expresa la generidad, es natural que se elija un método genérico [...] Con tal metodología aunque puedan destacar plásticamente determinados rasgos esenciales de la vida cotidiana, sin embargo, no se está en condiciones de exponer la totalidad de su ser específico. [...] Un camino distinto se orienta hacia las formas particulares de objetividad y de actividad de la vida cotidiana como totalidad específica. (p. 21-22).

Diante dessa realidade, torna-se central a análise do trabalho docente e da condição desse trabalho, pois é aparente a margem de autonomia outorgada ao professor.

3. Atuação docente: ser professor não é tão ruim, se não fossem as condições...

Para iniciar a discussão sobre a materialidade do trabalho dos professores, elegemos como primeira temática o ingresso na carreira docente. O perfil mostrou que a maioria dos professores que têm mestrado e/ou doutorado e atuam na rede de educação básica pública em Goiás é pessoas jovens, o que reflete na atuação profissional. Há uma frequência de 36,3% de professores com apenas dez anos de profissão e 37,4%, com vinte anos de profissão. Temos uma média em torno de 15 anos de atuação, demonstrando que os professores mestres/doutores investiram na carreira logo no seu início. O exercício profissional tende a começar cedo, não raro antes da formatura, e que o magistério é uma ocupação que se insere no mercado de trabalho com relativa rapidez.

Então eu trabalhava em escolas geralmente particulares e geralmente substituindo uma professora que estava de licença ou então doente, depois até que eu me ingressei no quadro de professores do colégio [...] (Prof. 29, entrevista, 2007).

A maioria dos professores, 66 dos 91 entrevistados, ou seja, 60,06%, afirma que ser docente na educação básica foi uma escolha pessoal. O que significa “escolhi esta profissão”? Julgamos pertinente considerar alguns movimentos e contradições contidas na ideia de escolha. As entrevistas com os professores permitiram-nos analisar² os dados nesse sentido.

Enguita (1991) define cinco categorias do profissionalismo docente – competência, licença, vocação, independência e auto regulação. Chamamos atenção para a categoria “vocação”. O autor destaca que, pelo fato de a profissão de professor ser entendida como aquela que atende a um chamado para prestar serviços ao semelhante, associa-se à ideia de dedicação e abnegação ao apostolado, portanto um dom inato. A escolha, então, estaria relacionada a esse caráter vocacional.

A ideia de vocação se opõe, de certo modo, àquilo que os professores têm buscado construir ao longo da história: o estatuto profissional e o direito à formação. Sob esse prisma, seria de esperar que os professores participantes de nossa pesquisa assumissem um espírito mais corporativo, de identidade coletivo-profissional, afastando-se progressivamente do ideário sacerdotal.

Entretanto, por razões culturais e históricas, percebe-se contraditoriamente, mesmo entre aqueles que investem na formação, uma forte adesão à perspectiva voluntarista, isto é, à filosofia de que a vontade é a força que move a realidade, perspectiva em que a atitude central do ser humano passa a ser crença de que se pode mudar o curso dos acontecimentos pelo seu próprio esforço e vontade pessoal. Essa é uma visão subjetivista, que parece presente no campo da epistemologia da prática, desconsiderando a importância das condições concretas. Tal posição não é idêntica à da vocação, mas elas se aproximam ao colocarem o peso das decisões e das escolhas apenas nos indivíduos e na sua força pessoal. A fala do Prof. 06 caracteriza essa posição:

Bom, minha trajetória profissional começou como voluntária na escola de ensino especial sendo

² Não tivemos a intenção de “checagem” das informações obtidas no questionário, os vários instrumentos de coleta de dados foram utilizados de maneira complementar para o conhecimento da concepção e prática de pesquisa na educação básica.

professora principalmente de música e depois fazendo bacharel em música em habilidade de piano e fazendo licenciatura em iniciação musical (Prof. 06, entrevista, 2007).

Para compreender a escolha, prestemos atenção em outras falas que, também, mostram a condição precária do início da profissão:

Eu comecei minha trajetória em 92 aproximadamente na rede Estadual de ensino. Eu trabalhava como pró-labore lá no Jardim Tiradentes em Aparecida, apareceu um contrato pra trabalhar de 5ª a 8ª séries... E nessa época, já em 94, no final do ano, eu prestei o vestibular para curso de pedagogia na católica e fui aprovado e a partir daí, então, eu comecei um outro período da minha vida que foi um período em que uma prática pedagógica acaba sendo uma prática fundamentada teoricamente (Prof. 11, entrevista, 2007).

Os sujeitos informam que tiveram a “oportunidade” de ingressar na carreira mesmo antes de investir na formação, o que indica que o campo educacional admite leigos, se esperando que o professor aprenda a profissão (o ofício) na prática cotidiana, mas, por outro lado, exige formação para atender à dinâmica interna e social.

Para a compreensão da “escolha”, é importante entender as condições concretas em que ela ocorre. Estudos sobre a formação de professores (HYPOLLITO, 1997; FACCI, 2004) e esta pesquisa têm mostrado que cada vez mais a classe proletária procura a profissão docente, que permite uma inserção mais rápida no mercado de trabalho às vezes antes de ingressar no curso de formação, ou durante ele. Por outro lado, a classe média se afasta da profissão. Nas entrevistas realizadas, esse caráter da escolha se mostrou predominante, sete (07) professores, além dos 66 que dizem ter escolhido a profissão, afirmam que isso se deu pela oportunidade de trabalho. Prestando atenção na linguagem dos entrevistados, vamos perceber a ideia de “apareceu a oportunidade”, o que demonstra a necessidade de profissionais no campo e uma “escolha” comprometida com o real, com ausência de escolha.

Junto com a condição de classe, o gênero como vimos no perfil, influencia na opção pela profissão. A escolha é feita, na sua maioria, por mulheres da classe com o poder aquisitivo mais baixo, apesar de haver uma inserção cada vez maior dos homens.

Treze (13) professores entrevistados atribuem a escolha da profissão docente à identificação com a área de conhecimento; relatam que não tinham interesse em ser professor, estar na sala de aula, mas ao faze-

rem o curso tiveram que optar pela licenciatura, que dá oportunidade de emprego. Os dados indicam que a opção pelo curso, mesmo sendo uma licenciatura, não indica a escolha da profissão, mas a busca do conhecimento naquela área específica, apesar de ambos os aspectos estarem relacionados.

Bom, assim que passei para química, eu não tinha intenção de ficar na sala de aula, por vários motivos os mesmo que todo mundo já sabe questão de salário, valorização, então assim eu fiz primeiro o bacharel, aí depois logo em seguida, aí como você não arruma emprego, para química em Goiânia com bacharel, eu fiz licenciatura. (Prof. 02 entrevista, 2007).

Como na sociedade capitalista, que é classificatória e excludente, a profissão docente passa por classificações de status e prestígio de acordo com o nível de ensino em que o profissional atua. A escolha da profissão, portanto, recai também nessa visão, e a docência na educação básica é apontada como um degrau para ser professor universitário. Esse pode ser um motivo para justificar a pesquisa vinculada à educação básica, porém não a inviabiliza, mas aponta para a necessidade de investimento na profissionalização, de políticas públicas e condições de trabalho.

Na verdade, eu sempre quis dar aula na faculdade, por causa da carreira, né do salário. Eu sempre quis trabalhar na academia. Quando eu entrei no curso de Pedagogia eu percebi que realmente eu queria me dedicar à docência universitária e a pesquisa (Prof. 30, entrevista, 2007).

Exercer a profissão como escolha pessoal, como os professores o fizeram, pode ser entendido também como uma forma de resistência à desqualificação do trabalho docente e como disposição mobilizadora de uma identidade profissional.

...eu vou ficar na escola, eu me formei pra ser professora (Prof. 01, entrevista, 2007).

A crise de identidade vivida pelo professor está relacionada com o *status* da profissão na sociedade; assim, assumir a profissão como escolha pode indicar, como já dissemos, formas de resistência.

O uso do conceito de *resistência* nos estudos sobre o trabalho docente, marca a tentativa de ir além dos avanços teóricos importantes, porém limitados, que caracterizam as teorias da reprodução, procurando entender que, contraditoriamente no processo de desistência/acomoda-

ção pode estar incluso a resistência. Nesta perspectiva, Apple (1989) e Giroux (1986) denunciam a necessidade de buscar compreender as dinâmicas das práticas docentes, partindo do pressuposto de que os processos de *acomodação* e *resistência* nelas contidos operam por meio de uma dinâmica complexa, que serve não apenas aos interesses das relações de dominação, mas também contém possibilidades emancipatórias.

Observar a contradição ajuda-nos a resgatar a importância da dialética da ação humana. Além disso, os processos estruturais condicionantes passam a ser interpretados na sua dinamicidade, contradição e historicidade, ou seja, processos que são construídos e reconstruídos e não pré-determinados. O resgate da fala dos professores sobre o ingresso na educação básica anuncia e denuncia o movimento de acomodação e resistência, mostrando que

As estruturas sociais constroem ou facultam as posições teleológicas [...] Como ação necessariamente intencional, o agir humano é escolha múltipla entre alternativas. A inevitável abertura do mundo é, portanto, condição necessária para a ocorrência da escolha alternativa [...] e esta abertura é compatível com o caráter histórico da sociedade. A afirmação da historicidade é uma proposição transaccional, relativa ao domínio das estruturas que condicionam, mas não determinam os atos humanos singulares (MEDEIROS, 2004, p. 29,36).

A construção da profissionalização e identidade profissional resulta da relação entre dimensões pessoais e profissionais, ou seja, a cultura, os saberes, as visões do mundo profissional é que possibilitam a construção de sua identidade. A satisfação quanto à profissão contribui para esse processo, porém observa-se que a contradição entre resistência e acomodação é marcante.

O que chama atenção é o fato de que, mesmo em condições de trabalho frequentemente difíceis, se somarmos os que responderam estarem satisfeitos com a profissão e os que estão muito, muitíssimo satisfeitos, temos 77% dos entrevistados; reunindo os que se declararam pouco ou nada satisfeitos, temos 23 %.

Tais resultados, em um primeiro momento, na aparência do empírico, parecem estabelecer um contraponto aos diferentes trabalhos, como o de Lapo e Bueno (2002), Codo (1999) e Esteves (1995), que abordam a questão da evasão e do mal-estar docente, trazendo indicativos de que os professores estão doentes e insatisfeitos no exercício da profissão. Entretanto acreditamos ser necessária uma análise criteriosa e dialética

da realidade e dos dados, para que se possa ir além da pseudoconcreticidade, observando-se as múltiplas determinações e contradições que compõem o trabalho docente. (KOSIK, 1976)

Entendemos a realidade como um complexo social, que se move através dos “antagonismos imanentes”, abarca em si não somente as determinações da alienação, mas as possibilidades de superação coletiva, ou seja, nas próprias condições de existência estão contidas “os motivos e a força necessários à sua luta.” (SNYDERS, 1977, p. 12). Trata-se de uma batalha contínua, que implica lutar pela superação das condições presentes, vivendo nesse presente e sob tais condições, buscando ultrapassar as meras necessidades, sem, entretanto negligenciá-las, em direção à criação de “uma nova forma ético-política, como fonte de novas iniciativas.” (GRAMSCI, 1995, p. 53). Esse processo, que emerge do próprio desenvolvimento dialético, não pode ser creditado a criações especulativas, nem tampouco a arroubos voluntaristas, mas, ao contrário, adquire consequência histórica na medida em que se apoia em forças sociais coletivas.

Trata-se, portanto, como salientamos, de um processo de lutas históricas e coletivas tão complexas e diversas quanto é igualmente complexo o dinamismo social em que se inscrevem, e eis porque não há, nesse caso, fórmulas, receitas ou demiurgos. Entre as várias formas de lutas, resistência e organização, forjadas pelos trabalhadores em geral e pelos trabalhadores em educação em particular, em direção à construção de um novo projeto para a escola e a sociedade, destacamos, na presente pesquisa, a resistência silenciosa/gritante no exercício e na identidade da profissão.

Em síntese, a indicação de satisfação da maioria dos entrevistados não pode ser entendida como boas condições de trabalho, mas uma forma de resistência contraditória que traz elementos de desistência e acomodação, em que são absorvidas algumas das ideias predominantes sobre o trabalho docente, que leva muitos professores a buscarem saídas individuais que minimizem a dor e a angústia, provocadas pelo constante sentimento de frustração, indicando uma aparente satisfação. Em sentido oposto, existe a resistência em forma de comprometimento com o trabalho, ou seja, “adesão e forte envolvimento com os objetivos da organização em que trabalham” (CODO, 2006, p. 101), que é tomada a partir de uma determinada concepção de escola e sociedade, a partir de uma perspectiva crítica. Estar satisfeito é dizer que se identifica com a profissão, é se ver com força para lutar por algo que conquistou em termos de formação e profissão, numa sociedade altamente desigual, que exclui e explora as mulheres e as classes de menor renda.

Essa leitura dos dados é reafirmada quando se analisam as aspirações profissionais dos docentes pesquisados para um futuro próximo. Os professores assinalaram diferentes opções, grande parte dos professores, 27 sujeitos, aspira dedicar-se à pesquisa, entendemos que influenciados pela formação no programa *stricto sensu*, aspiração que nos parece, associada também à ideia de deixar o trabalho de sala de aula na educação básica. Podemos notar que 03 entrevistados anseiam passar para um cargo técnico; outros 03 querem ser coordenadores; 01 professor deseja se aposentar; 07 docentes querem mudar completamente de trabalho e 16 pretendem deixar a educação básica e ficar apenas no ensino superior. Esse indicativo apresenta um forte desejo de deixar a docência da educação básica, dando preferência em alguns casos, ao trabalho técnico. Entretanto há 11 professores que querem continuar na educação básica.

Sabemos que a formação *stricto sensu* influencia a escolha de novas oportunidades. A pesquisa demonstra que, quanto maior o nível de formação, mais aumenta a proporção de professores com desejo de realizar outra atividade profissional ainda que na área de educação. Porém esses dados não diminuem a contradição expressa em nossa pesquisa, demonstrando a pertinência da nossa leitura de que “estar satisfeito” indica uma forma de resistência no trabalho docente, apostando em suas possibilidades deste e no papel da escola e da educação, embora desejem e lutem por melhores perspectivas profissionais.

Apesar de apenas quatro professores indicarem diretamente a aspiração de continuar na docência na educação básica, os dados e suas respectivas análises indicam que, com todos os problemas que cercam a profissão na atualidade, coexistem elementos de acomodação, desistência e resistência no trabalho docente, mostrando que os professores lutam por se reconhecerem no seu trabalho e buscam manter expectativas emancipatórias. E precisamente porque essa realidade traz contidos os antagonismos e contradições, é que se torna possível que sejam geradas concepções contra-hegemônicas, que, para além de interpretar o mundo tal como é, coloquem-se a serviço da sua transformação.

Os dizeres dos professores entrevistados demonstram a contradição entre desistência e resistência:

Então, assim, eu consigo ainda fazer tudo isso e buscar por causa do prazer, agora não sei necessariamente, mas a gente ouve muito a maioria..., o professor, por exemplo, adora sair da sala de aula. Pode até constatar isso através de pesquisa. Eles consideram isso como um prêmio e eu fico pensando, se eu fiz o Magistério que é meu público, meu trabalho, como eu vou sair da

sala de aula! Que nem eu estou aqui fazendo o projeto aqui no Instituto, mas a gente está trabalhando, eu estou em sala de aula. São 20 horas lá, na realidade estou com 28 agora, 28 lá e complementando aqui, mas não deixei a sala de aula. (Prof. 24, entrevista, 2007).

Por que o professor da educação básica que cursa um programa *stricto sensu* tende a abandonar esse nível de ensino? A resposta vem sendo apontada nos dados sobre as condições de trabalho. Os dados demonstram que 55% dos professores com formação *stricto sensu* que atuam na rede de educação pública em Goiás trabalham em dois turnos. Pode parecer um indicativo normal, considerando uma carga horária de 8 horas diárias. Contudo, ao tomarmos a especificidade da profissão docente, que exige um tempo extra para preparação de aulas, estudo, elaboração e correção de provas, e levando em conta que nesse item o professor declarou apenas o período gasto na escola, percebemos o excesso de trabalho. Agravando o fato, existe 38% dos professores que trabalham em três (03) turnos, o que corrobora com a tese de desvalorização e desqualificação do trabalho docente

Vemos, entretanto, a formação na pós-graduação e a pesquisa desenvolvida por esses professores como formas de resistência. E mesmo que sejam desenvolvidas de maneira individualizada, dificultando uma ação coletiva de transformação das condições de trabalho, muitas vezes, alienantes, podem ser o germe de formas solidárias e coletivas de enfrentamento.

Ao serem questionados sobre a atuação na docência, número de aulas e em que nível de ensino, os professores fornecem dados para pensar efetivamente em políticas públicas que invistam na formação *stricto sensu* do professor da educação básica. Os dados mostram que temos uma maioria de professores que continua atuando no que se entende tradicionalmente como docência, a sala de aula.

Os resultados e mostram uma frequência de 47 entrevistados que trabalham concomitantemente no ensino superior, ou seja, uma porcentagem de 51,64% dos professores sujeitos da pesquisa. É claro que a atuação está relacionada com sua formação *stricto sensu*. Embora a discussão e o movimento da formação, nesse nível, do professor da educação sejam ainda incipientes, não indica necessariamente ser professor universitário. Aliás, 48,36% dos professores não exercem a docência universitária, o que indica a possibilidade de uma formação para atuação na educação básica com uma qualificação mais ampla e consistente.

O professor, contudo, vê-se obrigado a buscar outras atuações

pelas condições da carreira e salariais. A atuação no ensino superior também está relacionada com a ampliação acelerada e desordenada desse nível de ensino nos últimos anos, demandando um grande número de profissionais, principalmente na rede privada. Os dados mostram a circulação dos professores por diferentes instituições e, conseqüentemente, a precarização do trabalho docente, pois o professor tem de atuar em vários turnos, em diferentes níveis de educação e na rede pública e particular simultaneamente. Esse movimento está relacionado diretamente à questão salarial.

Uma das temáticas que denunciam a precarização do trabalho docente e a dificuldade de realizar pesquisa refere-se ao salário recebido por tempo de dedicação à suas função, principalmente quando se trata do professor da educação básica pública. A situação salarial muda com as progressões (vertical e horizontal) previstas no plano de carreira, mas são anos de investimento para pequenos adicionais, como já mostramos na questão da titulação.

Devemos reconhecer que o professor vive uma situação particular que atenta contra seu desempenho profissional, pois, sem dúvida alguma, tem sido atropelado nas suas aspirações de qualquer natureza, porque tem enfrentado uma batalha pela sobrevivência com um mínimo de dignidade. Devido aos baixos salários e visando uma vida mais digna, a maioria deles, como já vimos, possui no mínimo duas matrículas, trabalhando em até três turnos, isso sem contar a feminização da profissão, que impõe um quarto turno doméstico.

A desvalorização salarial é expressão concreta do sentimento de precarização e depreciação da profissão e retroage sobre as condições de trabalho, como mostram nossos entrevistados:

É sabido, tem que trabalhar os três períodos para ter um salário mais ou menos digno. Isso acaba levando a um círculo vicioso, dos professores apenas reproduzirem o conhecimento que já está produzido, mediante os livros didáticos e outros meios. (Prof.20, entrevista, 2007).

Esse é, realmente, um fator que incide pesadamente sobre a precarização do trabalho dos professores, pois a pauperização profissional significa penúria na vida pessoal em suas relações vida e trabalho, sobretudo no que tange ao alcance do desenvolvimento da pesquisa. Ser um profissional da educação e realizar pesquisa incorre em formação continuada, em gastos com materiais, em acesso a bens culturais necessários para a formação do professor/pesquisador, na maioria das vezes custea-

dos pelo professor. Aliás, ao perguntar sobre as condições necessárias ao desenvolvimento da pesquisa, a resposta unânime dos entrevistados foi a questão salarial, paralelamente à categoria tempo.

O rebaixamento salarial implica, como podemos ver, sobrecarga de trabalho e, conseqüentemente, limitação do padrão de vida, acentuando a tendência ao acúmulo de jornadas de trabalho, bem como o “estreitamento das estratégias para se lidar com os problemas do cotidiano” (CODO, 2006, p. 354). Ou seja, a falta de dinheiro não permitindo ao professor contar com determinados bens ou serviços, que facilitam suas condições de vida, “acentuando a carga de trabalho e o sentimento de vulnerabilidade do trabalhador.” (CODO, 2006, p. 354).

Essa somatória de fatores gera um grave processo de intensificação do trabalho, pelo acúmulo e diversificação de funções e sobrecarga de jornadas de trabalho, em estreita relação com as condições salariais.

Considerações finais

É necessário ressaltar que o profissional do magistério da educação básica necessita de uma sólida formação teórica – e tem direito a ela – que contribuirá na direção de profissionalizar o magistério. Além disso, o movimento mundial exige professores cada vez mais preparados, teórica e praticamente para lidar com os desafios do trabalho pedagógico nos ensinos fundamental e médio. Esse movimento evidencia a tendência de elevar a níveis cada vez mais superiores sua formação, situação que, no entanto, é contraditória, pois o rompimento desse círculo exige grandes esforços. É inadmissível, portanto, o “equivoco” de tomar as conseqüências do problema como sua raiz. A raiz desse problema está na crescente desvalorização econômica e social do professor, resultado das péssimas condições de trabalho e salariais e da inexistência de um plano de carreira que valorize a função docente e o trabalho pedagógico profissional.

A intensificação do trabalho representa uma das formas tangíveis pelas quais os privilégios de trabalho dos trabalhadores educacionais são degradados. São vários sintomas, do trivial ao mais complexo – desde não ter nenhum tempo sequer para ir ao banheiro, tomar uma xícara de café, até uma falta total de tempo para conservar-se em dia com sua área, quanto mais para pesquisar ou mesmo para refletir sobre sua prática.

Ao trazer as informações sobre o trabalho docente dos professores da rede pública de educação básica de Goiás, com formação *scrito sensu*, revelando suas aspirações, condições de trabalho e atuação profissional, tivemos a intenção de perceber como as questões referentes à profissionalização vão constituindo a relação com a pesquisa no desenvolvimento do trabalho. Têm-se discutido a centralidade dos professores

como responsáveis pela mudança nos contextos de reforma e de melhoria da qualidade, ressaltando que a reflexão que se faz da prática pode mudar a qualidade da educação. Entretanto os dados que obtivemos e analisamos, permitem-nos concluir que a adoção das expressões “valorização do magistério” e “reflexão da prática docente” não parece atender questões relativas à política docente, ou seja, carreira, remuneração e capacitação, ou mesmo condições para a pesquisa.

Os professores indicam que estão satisfeitos porque se identificam com o trabalho que desenvolvem e consideram de relevância social a função que exercem, porém, simultaneamente, denunciam a condição de trabalho degradante, ao terem de trabalharem até três turnos diários, em diferentes empregos e níveis de ensino. Também demonstram sua insatisfação ao apresentarem outras aspirações profissionais. É preciso estar atento à tese da proletarização e da desprofissionalização, pois o trabalho docente vem passando por uma precarização, acentuada pela perda e/ou transferência de conhecimentos e saberes específicos, uma vez que existem campanhas que conclamam o voluntariado para fazer o seu papel e também teorias que apresentam a prática entendida.

A compreensão da realidade como espaço contraditório, como terreno de lutas, indica que os problemas não se resolvem de forma unívoca. Trata-se, pois, de penetrar no terreno denso da concreticidade, buscando captar a síntese das múltiplas determinações que estruturam os processos, tarefa que buscamos construir nesta pesquisa. Não podemos, diante da realidade contraditória e caótica, deixar de defender novas possibilidades e perfis para o profissional da educação, porém atrelados a mudanças na materialidade do seu trabalho, que é o princípio ontológico e educativo do homem.

Referências

- APLE, Michael W. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CODO, Wanderley. *Educação - Carinho e Trabalho*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2006.
- COSTA, Marisa C. V. *Trabalho Docente e profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- DUARTE, Newton. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 24, n. 83, 2003.
- ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.) *Profissão professor*. 2. ed. Porto, Portugal: Porto. 1995.

ENGUITA, M. F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n.º 4, p.41-61, 1991.

FACCI, M.G. D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GRAMSCI. *A concepção dialética da História*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HYPLOLITO, Álvaro L. Moreira. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, Acácia Z. As políticas de formação: a construção da identidade do professor sobrando. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 68, p. 163-183, dez. 1999.

LAPO, R & BUENO, B. O abandono do magistério: vínculos e rupturas com o trabalho. SP: *Psicol. USP*, 13 (2): 243-276, 2002.

LAPO, R & BUENO, B. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (118), mar. 2003.

LUKÁCS, Georg. Prefácio. In: HELLER, A *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes, 1984.

MEDEIROS, J. L. *A Economia Diante do Horror Econômico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004 (tese de doutorado).

OLIVEIRA, Dalila. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade: Revista da Ciência da Educação*. São Paulo: Cortez. vol. 25, n. 89, p.1127-1143, set/dez. 2004.

SILVA, Kátia A. C. P. C. da. *Professores com formação stricto sensu e o desenvolvimento da pesquisa na educação básica da rede pública de Goiânia: realidade, entraves e possibilidades*. 2008. 292f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SNYDERS, Georges. *Escola, classe e luta de classes*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

Data de recebimento: 30. 03. 2011

Data de aceite em: 30.08.2011